O POVO DE AVEIRO

O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno 1$200, Semestre, 500 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$400. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.

Redacção e administração Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 29 DE AGOSTO DE 1909 | N.º 1.323

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina a cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.

Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Realisou-se o comicio anti-jesuitico no Porto. E, segundo o *Primeiro de Janeiro*, o sr. Miguel Bombarda affirmou *que elle e os seus amigos são contra os padres, os jesuitas e os clericaes, mas não contra a religião.*

Isto quer simplesmente dizer que o sr. Bombarda se propõe ... ser papa. Nós já andavamos desconfiado d'isso. Mas não tinhamos a confirmação. Ei-la ahi!

Elle e os seus amigos. Como se vê, a linguagem dos chefes de partido, dos homens que teem côrte. *Elle* e *os seus amigos* são contra os frades, os jesuitas e os clericaes, *mas não contra a religião.* Ora não pode haver religião, pelo menos ...sem clericaes. A não ser que o sr. Bombarda, *que, aliás, é capaz de tudo,* pretenda que nem o clero seja...clerical. Logo, se Bombarda quer religião, mas religião sem clero e sem clericaes, Bombarda quer *uma outra* religião. Qual? A sua, é claro. A sua e a dos seus amigos. O *bombardismo* e o *bombardinismo.*

Isto é claro. E' a conclusão que rigorosamente resulta das premissas.

Temos dicto e repetido: só em Portugal essas duas creaturas, Bombardino e Bombarda, teriam foros de homens de intelligencia e de caracter. Mais: só em Portugal seriam tomados a serio. Só em Portugal!

O clero foi uma *grande coisa* emquanto Bombarda... foi clerical. A monarchia foi um elemento de civilisação emquanto Bombardino foi ... monarchico. Deixou Bombarda de ser clerical? O clero appareceu como a maior peste da humanidade! Deixou Bombardino de ser monarchico? A monarchia appareceu como a maior desgraça nacional!

Dir-me-hão: mas não tem um homem o direito de reconsiderar? Tem. O que não tem é o direito de ser intrujão ou de ser tolo.

A questão vem sendo posta aqui nitidamente. Com a lealdade, a clareza e a franqueza que constituem o nosso temperamento e definem os nossos processos de jornal. Ou se é religioso, ou se não é. E'-se religioso? Defende-se a religião? Julga-se necessaria a religião? Então não se combate o clero.

Mas o clero abusa. Mas o clero pode abusar. Sim, pode abusar. Não ha duvida. Mas em que abusa o clero, em Portugal? Em não acreditar na infallibilidade do Bombardino e na sciencia do Bombarda.

Este é o caso. Esta é a questão. E esse é que é o caso odioso, e essa é que é a questão revoltante. E' essa é que é a especulação. E' essa é que é a intrujice formidavel.

Tem o direito de reconsiderar, tem. Todo o homem tem o direito de reconsiderar. Mas se peccou, a sua obrigação é penitenciar-se. E' ser verdadeiro, é ser justo na apreciação d'aquillo que constituiu o seu peccado, para não indignar nem os que continuam peccando, nem os que nunca peccaram.

Tem o direito de reconsiderar, tem. Mas o seu primeiro dever é convencer todo o mundo de que é sincero ao reconsiderar.

Quando e como se penitenciou o sr. Bernardino Machado dos erros e dos crimes que commetteu, e que applaudiu, e que auxiliou como monarchico? Então um homem commette crimes, e senta-se na cadeira do juiz, a julgar como juiz, só pelo simples facto de repellir os crimes praticados?

De repellir? Nem isso se pode dizer de Bernardino Machado. Bernardino Machado não repelliu coisa nenhuma. E Bernardino Machado não repelliu coisa nenhuma, porque até quando foi monarchico não teve culpa... dos crimes praticados pelos monarchicos. Elle foi sempre santo! Elle foi sempre immaculado!

Quando e como se penitenciou Bombarda dos louvores que teceu ás officinas de S. José e da sua collaboração no *movimento clerical?* Então um homem é clerical n'um dia, exalta n'um dia as obras clericaes, e entra no templo da gloria só porque no dia seguinte desata a atirar lama áquillo que na vespera santificou?

Mas, admittamos. Vamos lá, admittamos. Fazia-se luz no espirito de Bombardino e de Bombarda. Bombardino e Bombarda convenciam-se um dia de que a monarchia e a Egreja eram prejudiciaes á salvação dos povos e ao bom governo do Estado. E n'esse sentido, ou por esse motivo, atacavam violentamente a monarchia e a Egreja. Estava bem. Não havia penitencia, mas podia haver sinceridade. Para isto, porem, o que era necessario? Era necessario que Bernardino e Bombarda atacassem na essencia o principio religioso e o principio monarchico. Só d'esse modo o mundo poderia acreditar na sua sinceridade.

Mas Bombardino não fez isso, nem Bombarda. Bombardino quer monarchia, o que elle não quer é rei. Não confundamos. Vejamos claro. Não sejamos idiotas. Não nos deixemos intrujar. Uma coisa é não querer *monarchia*, outra coisa é não querer *rei*. Uma coisa é não querer religião, outra coisa é não querer *papa*.

Quem não quer monarchia, nem Egreja, pode estar em erro, mas pode ser muito sincero e em todo o caso é logico ao atacar tudo quanto é religioso e tudo quanto é monarchico. Mas quem quer monarchia e não quer rei, mas quem quer religião e não quer papa, deixa nitidamente demonstrado que só não quer rei... para ser rei, e que só não quer papa... para ser papa.

Bombardino e Bombarda baptisaram os filhos, Bombardino e Bombarda casaram-se na egreja e casam os filhos na egreja.

Por outro lado, o clero portuguez, que podia abusar, que é susceptivel de abusos, como todas as classes, só demonstra, n'este momento, o abuso ... de guerrear Bombardino e Bombarda. O que move, então, Bombardino? O que move, então, Bombarda? Qual é a causa verdadeira do bombardinismo e qual é a causa verdadeira do bombardismo? E' esta ... Bombardino quer ser rei e Bombarda quer ser papa.

O padre é mau? Qual mau! O padre é immoral? Qual immoral! Mau é o Ribas d'Avellar. Immoral é o Padua Correia.

Arthur Leitão é um gatuno. Cunha e Costa é um cavalheiro d'industria. Affonso Costa é um ladrão.

Mas não exalta Bombardino, e não exalta Bombarda, Affonso Costa até aos céos? Mas não foi Bombardino buscar Cunha e Costa para o santificar? Mas não são Padua Correia, e Ribas d'Avellar, e Arthur Leitão, homens honestos, homens de bem, para Bombardino e Bombarda? Tres patriotas, tres benemeritos, tres pilares da virtude, tres campeões da liberdade? E tudo pelo simples motivo de fazerem parte do grupo *dos amigos* ... de Bombardino e de Bombarda?

Então está tudo explicado. A questão é ser, ou não ser, amigo de Bombardino e de Bombarda. Mais nada.

Immoraes, os padres? Immoral é França Borges, o *souteneur*, immoral é Cunha e Costa, que abandonou mulher e filhos fugindo com uma prostituta para a America. E França Borges é o *querido* França Borges de Bombardino e de Bombarda. E Cunha e Costa é o brilhante chronista das façanhas da liberdade.

Caçadores de heranças, os padres? Caçador de heranças é o Affonso Costa, o do Esteves Ribeiro, e Affonso Costa é o glorioso paladino da santa causa democratica.

Devassos, os padres? Talvez. Não sabemos quantos ha na sociedade dos Makavenkos, fundada pelo Grandella, de que é socio benemerito o sr. Ferreira do Amaral, e orago o *grande parlamentar* Affonso Costa. Talvez. Sim. E' possivel. E certo. Ha de haver, ha devassos entre os padres. Mas o que nunca nenhum d'elles conseguiu foi attingir as honras de Bayard, depois de ter sido um *pandego d'estalo*, como o symbolico general Dantas Baracho. Não, isso não. Esse *milagre* nunca o fez a Senhora de Lourdes, aliás tão milagrosa, a favor de padre algum em Portugal. Esse milagre fê-lo em Portugal, e só em Portugal, a favor d'um maçonico, a santa causa democratica, a gloriosa *libardade*.

Gatunos, os padres? Ladrões, os padres? Incendiarios e assassinos? Falsificadores? E' possivel. Mas eu nunca vi nenhum, como vi Bombardino, o summo sacerdote democratico, andar a metter empenhos para que ficassem impunes os commissarios de policia e os administradores de concelho accusados de crimes monstruosos. Mas eu nunca vi um padre levar o cynismo ao ponto de clamar, n'um comicio: *dizer-se padre em Portugal é dizer-se homem honrado.* Mas os padres ainda não tiveram a audacia, n'esta terra, de fazer descarada propaganda nos seus jornaes a favor d'um da sua classe que, depois de ter seduzido a mulher d'um amigo, a matasse, n'uma casa prostituida, a tiros de revolver. Mas os padres ainda não affrontaram o decoro publico, n'esta terra, até ao ponto de se revoltarem, voz em grita, contra os tribunaes por elles condemnarem um correligionario, que tivesse falsificado inscripções para arranjar dinheiro a favor do santo movimento revolucionario. Mas os padres ainda não publicaram communicados nem entrevistas, pagas por preços fabulosos, a favor de Leandros e com a circumstancia aggravante, escandalosa, infamemente aggravante, de sacrificarem, aos Leandros, miseraveis que não tenham dinheiro para comprar os apostolos da santa causa democratica.

Ah, não, não sejamos tolos, não sejamos idiotas. A questão não é de democracia, nem de clericalismo. E' de ser, ou não ser, amigo de Bombardino e de Bombarda. E' de ajudar, ou não ajudar, Bombardino a ser rei e Bombarda ... a ser papa.

Democracia? Virtude? Engodo ... para os tolos. Isca ... para os parvos. Nunca a democracia serviu para outra coisa, n'esta terra infeliz, ao geral dos *democratas*. Nunca a virtude teve outro fim ... na bocca dos tratantes que se dizem politicos n'esta patria desgraçada.

Ladrões? Devassos? Despotas? Que se importavam elles, os republicanos portuguezes, que, dia a dia, dão os mais horrorosos exemplos de devassidão, d'intolerancia, d'immoralidade, que os padres fossem ladrões, tyrannos ou devassos? Que se importavam elles, se a enorme maioria dos seus dirigentes é precisamente uma maioria de ladrões, de tyrrannos, e devassos? Fossem os padres seus partidarios ... e seriam glorificados, e seriam santificados. Toda a guerra ao padre vem do padre — a nota mais sympathica que até hoje o padre nos tem dado — ter feito decidida opposição á quadrilha que, por irrisão diz ser em Portugal ... a defensora da liberdade.

E' o que torna revoltante, mais do que revoltante, repugnante, essa obra em que os Alpoins, os Affonsos, os Bombardinos e os Bombardas andam empenhados. O sentimento não se vence a golpes de rhetorica. Nem a golpes de espada ou a tiros d'espingarda, nem a golpes de rhetorica. Já tivemos, tambem, em tempos de menos cultura e de menos senso, essa louca pretenção. Reconhecemos que, por esse caminho o mais que se conseguia era destruir inteiramente a moral velha sem deixar elemento algum que servisse de apoio á moral revolucionaria. Reconhecemos mais, com o nosso estudo e com as nossas viagens, que o padre portuguez, tendo defeitos, tinha um temperamento admiravel para se adaptar ás conquistas da liberdade. O padre portuguez não é, de forma alguma, em geral um reaccionario. Não era difficil, n'uma grande propaganda de paz, de tolerancia, de educação civica, de senso, de verdadeira liberdade, leva-lo a collaborar sinceramente, com vontade, no grande problema do progresso nacional. Nós não estamos nas condições da Allemanha, nem nas condições da França. Nós não temos uma grande industria. Nós não temos, por conseguinte, um grande proletariado. Alem de pequeno o nosso proletariado, as classes pobres, em geral, são d'uma ignorancia espantosa. Com essas classes pode-se fazer, n'uma propaganda dissolvente, como teem feito os republicanos, uma obra de anarchia, de espantosa, de tremenda anarchia social. Uma obra de desordem. Uma obra de atrazo. Nunca uma obra de progresso e de reconstituição nacional. Para que esta se faça, é indispensavel o concurso das classes chamadas conservadoras, já pela sua acção directa e immediata sobre o governo do Estado, já pela sua acção indirecta erguendo as multidões do seu abaixamento moral, da sua degradação intellectual. Sendo isto assim, eu comprehendia, no emtanto, eu comprehendo e respeito o *revolucionario*. O genuino revolucionario. O sincero revolucionario. Aquelle que, n'um trabalho falso, trilhando um caminho errado, não é, comtudo, por isso mesmo que tem a nobreza da sinceridade, um elemento dissolvente do caracter. Antes, em vez de o dissolver, se ha natural reacção, o fortalece. Eu comprehendo esse. Eu respeito esse. O que não quer padres, porque não quer religião. O que não quer relígião, porque não quer Deus, porque não quer regra d'obediencia, porque não admitte o espirito d'auctoridade. Mas o que eu não respeito, o que eu não admitto, é o tartufo que hontem rezava nas egrejas, como esse senhor Alpoim, ou pouco menos, para agradar á rainha D. Amelia e ás influencias do Paço, e hoje ostenta na praça publica, para agradar ao *jacobino*, espirito d'independencia e de libertinagem. O que eu não respeito, o que eu não admitto, é o charlatão, como Bombarda, que clama, como agora no Porto, segundo o extracto do *Primeiro de Janeiro*, que é, *e os seus amigos*, contra os padres, os jesuitas e os clericaes, mas pedindo ao mesmo tempo, *áquelles que o escutam*, que vão dizer a suas mulheres e a seus filhos *que os liberaes respeitam a sua religião.* O que eu não só não respeito, não só não admitto, como repillo a chicote, são os malandros que, roubando, falsificando, assassinando, os malandros que, protegendo, engrandecendo, exaltando todos os dissolutos, todos os tyrannos, todos os especuladores, todos os cynicos, partem de lança em riste contra o padre, como... dissoluto, especulador, cynico e tyranno.

Não. Que esses são, em toda a parte, os que atraiçoam a reacção e os que atraiçoam a liberdade.

Que esses são os *unicos* inimigos da justiça, da verdade, do progresso social, da humanidade.

Que esses são os grandes perturbadores, os grandes intrigantes, os grandes chicaneiros, os grandes enredadores, os grandes miseraveis.

Que esses são a escoria da alma humana. Que esses são o enxurro da humanidade.

UMA EXPLICAÇÃO

O *Povo de Aveiro* apparece hoje com o nome de Francisco Manuel Homem Christo, como proprietario e director. Quem não nos conhecer não percebe, ou julga que mudámos de nome. A esses temos de dizer o seguinte.

O redactor d'este jornal, e seu verdadeiro director, foi sempre Francisco Manuel Homem Christo. Não residia, porem, em Aveiro, e, pela lei, o editor do jornal, cujos encargos passaram para o director com a lei de João Franco, tinha de viver na localidade. Manuel Homem de Carvalho Christo, irmão de Francisco Manuel Homem Christo, com a sua amizade a seu irmão, e a sua dedicação, nunca desmentida, pelo *Povo de Aveiro*, desempenhava então, nominalmente e para os effeitos legaes, as funcções de director do *Povo de Aveiro*, para o qual, aliás, nunca escreveu uma linha, porque, felizmente para elle e para a patria, não é jornalista. E dizemos para a patria, não porque Manuel Homem de Carvalho Christo não seja um cidadão muito prestante, que o é, mas ... justamente porque o é. A patria não precisa de jornalistas. Não precisa de vadios. Precisa mas é de homens de trabalho.

Forçado a ser *vadio*, isto jornalista, no que tem um grande desgosto, Francisco Manuel Homem Christo, que nunca tinha sido na sua vida senão *jornalista-amador*, fixou residencia em Aveiro. Desde esta hora, cessava a necessidade de Manuel Homem de Carvalho Christo continuar a figurar como director d'este jornal.

E eis tudo explicado.

A antiga secção *Factos e Criticas* passa de hoje por deante a ser tratada sob o titulo *Tribuna*. E o titulo *Factos e Criticas*, que é um titulo generico, abrangendo perfeitamente assumptos geralmente tratados em artigo de fundo, passa a ser o titulo permanente d'estes artigos.

Tendo sido muito pedidos, e continuando a sel-o, os numeros anteriores do *Povo de Aveiro*, avisamos os nossos assignantes de que não temos nenhum. Estão todos exgottados, salvo o numero de domingo ultimo, do qual temos ainda alguns exemplares.

Tribuna

Na secção Factos e Criticas, agora substituida por esta secção *Tribuna*, vinha eu tratando largamente do ensino. Havia começado pela idéa, lançada em publico, da creação d'uma faculdade de direito na cidade de ... ao ensino secundario. Do ensino secundario saltei para o ensino profissional. Voltei ao ensino secundario. Fafei no ensino do latim. Falei no ensino da historia. Emfim, generalisei o assumpto.

Pois bem. Continuemos no mesmo assumpto, que é importante. E continuemos a generalisar.

A grande questão portugueza, no ensino como em tudo, é a *falta de probidade*, a falta absoluta da noção e da consciencia do dever. Essa é que é a grande questão. No ensino como em tudo. Não percam tempo a procurar o mal n'outra parte, a attribuir a razão da nossa esterilidade e da nossa desordem a outra origem. Nós não temos probidade nenhuma. Nós não temos noção nenhuma do dever. Nós não temos amor nenhum ao dever. Não o tem o professor, como não o tem o negociante ou o industrial, como não o tem o operario, como não o tem o creado de servir, como não o tem ninguem em especial e classe nenhuma em geral.

Que a reforma d'instrucção secundaria não deu resultado em Portugal, porque o cerebro do estudante portuguez não é o cerebro do estudante allemão! Porque os nossos costumes são outros! Porque assim e porque assado! O que se tem escripto, o que se tem dicto a esse respeito!

Ora a reforma d'instrucção secundaria não deu resultado em Portugal porque nós não temos nem a consciencia do dever, nem o espirito de disciplina, que tem o professor, que tem o estudante, que tem o pae, que tem todo o cidadão na Allemanha. Mais nada!

A questão não está em horarios nem em programmas. Não está no miolo nem na sola dos pés. Está n'isso!

O naufragio da reforma d'instrucção secundaria veio, sobretudo, do professor. Sempre o dissemos! E di-lo-hemos até morrer! Temos professores muito distinctos. Mas, em geral, os nossos professores *não prestam para nada.* Não sabem nada, e, principalmente, *não se querem ralar.* Tanto se importam que o estudante aprenda, como que não aprenda, que saiba, como que não saiba.

Querem ver como se ensina na Allemanha? Façam favor de ouvir, que não perdem nada com isso. Os que já sabem, ganham em tornar a ouvir, porque as verdades calam tanto mais no espirito quanto mais se ouvem. Os que não sabem ainda... ficam sabendo.

Jules Huret, n'um dos seus livros já por mais do que uma vez n'este *Povo de Aveiro* citado, Jules Huret, que escreve muito bem, que observa muito bem, diz — e vae em francez porque continuamos a *não querer* que se possa duvidar da traducção — diz, no capitulo *La Pédagogie*, do seu bello volume *De Hambourg aux Marches de Pologne*:

J'ai visité des écoles de toutes sortes, aux quatre coins de l'Allemagne. Je ne me suis pas bornée à constater que le confort et surtout la propreté et l'hygiène des écoles allemandes dépassent les nôtres de beaucoup. J'ai voulu assister à des classes entières et me rendre compte sur le vif, et non d'après des théories, du système pédagogique des Allemands.

La différence foncière entre les méthodes allemande et française consiste dans l'importance qu'on donne encore chez nous aux devoirs écrits et livresques, et dans la place énorme que tiennent dans les écoles d'outre-Rhin les leçons verbales et les exercices mentaux. Ici, l'élève prend rarement sa plume pendant la durée des classes, et son livre est toujours fermé. L'effort du maître consiste à tenir en éveil l'attention de l'enfant par des interrogations successives et variées: effort épuisant et qui demande un zèle, un amour du métier incomparables. C'est qu'en effet toutes les matières sont enseignées de la même façon, la langue comme l'arithmétique, l'histoire, la géographie comme les sciences naturelles. Le maître ne dit jamais: *Récitez.* Il interpelle l'enfant sur toutes les phrases de la leçon, qu'il retourne, intervertit, et sur lesquelles il revient autant de fois qu'il est nécessaire pour que toute la classe ait compris et retenu les notions qu'il s'agit d'inculquer. Pour être sûr que chacun des auditeurs tendra l'oreille et ouvrira son intelligence à tous les instants du cours, le maître, au lieu de prononcer d'abord-le nom de l'élève et de formuler ensuite sa question, procède à l'inverse. Une fois la question posée, les eléves qui savent ou croient savoir lèvent la main avec plus ou moins d'empressement, selon leur degré de certitude, et c'est parmi eux que le maître choisit celui qui doit répondre. Lorsqu'un élève tarde trop souvent à lever la main, le maître l'entreprend particulièrement, et recommence pour lui, avec une patience inlassable, les explications et les démonstrations nécessaires. Cette méthode produit au moin un résultat: elle soutient, d'une façon intense et permanente, l'intérêt des élèves. J'ai assisté à beaucoup de leçons d'une heure et je n'ai pas vu une seconde faiblir la curiosité d'un seul enfant, garçon ou fille.

. . . . . .

C'est donc surtout ... son réalisme que la pédagogie allemande ... de l'étranger. J'ai retrouvé là les méthode ... plus concrètes de l'Amérique. Ou plutôt, je le sais à présent, ce sont les méthodes pédagogiques allemandes que j'avais observées aux E'tats-Unis.

Je pourrais citer des centaines d'exemples de ce *réalisme* et l'opposer au psittacisme de nos méthodes.

Assistant, à Mayence, ... une leçon sur l'air l'eau, le nez, la bouche et les autres organes de la respiration, je constatai que tous les élèves de la classe, sans exception, avaient compris et désormais savaient exactment la composition de l'air et de l'eau, et le mécanisme de la respiration. Au lieu de les faire réciter, au lieu de pérorer lui-même, le professeur avait usé de tant de *trucs* pour s'en assurer, retourné ses

questions, interverti et brouillé ses interroga' tions, essayé de tromper les élèves en tant de façons, qu'il était impossible de croire que la leçon n'avait pas pénétré entiérement dans les jeunes cervelles.

J'ai vu donner une leçon de dessin au tableau noir. L'ingéniosité du professeur était étonnante. Il prit une hache de bois, la montra à ses élèves, posa des questions à quelques-uns d'entre eux sur ses dimensions, sa forme, la direction de ses lignes, de façon à les obliger à regarder exactement l'objet sous tous ses angles. Puis il le dessina lui-même sur le tableau en en décomposant les traits, se trompant exprès, demandant aux enfants s'il faisait bien ou s'il faisait mal. En même temps, les enfants ayant devant eux la hache et le dessin du maître devaient reproduire l'objet sur leurs cahiers.

Il n'y a là rien de génial, et probablement rien de nouveau. Mais ce qui étonne, c'est la patience, l'esprit inventif du maitre, son habileté à improviser des stratagèmes judicieux pour intéresser l'élève à son travail, transformer l'exercice en amusement, et faire de l'heure de classe une réunion de plaisir.

Ora eis a verdadeira *differença entre o cerebro do estudante portuguez e o cerebro do estudante allemão.* Eis porque o ensino d'instrucção secundaria, como o ensino d'instrucção superior, como todo o ensino não dá resultados nenhuns em Portugal.

La discipline scolaire—diz ainda Jules Huret n'um outro volume: *Rhin et Westphalie*—y est admirable. Voyez la rentrée des classes dans un grand gymnasium où huit cents élèves, quelquefois davantage, jouent dans les cours. Un coup de sifflet retentit; les joueurs les plus passionnés s'arrêtent automatiquement, et aussitôt, comme par magie, les rangs se forment; pas un retardataire, les petits sont les plus pressés. En quelques secondes, cette multitude s'est formée en rangs serrés pour se rendre silencieuse,dans les différentes classes. Un seul maître suffit à la surveillance!

Na Suecia, outro paiz d'admiravel organisação escolar, d'ensino soberbo, n'esse sentido tão culto e tão progressivo como a Allemanha, o mesmo espirito d'ordem, o mesmo espirito de disciplina.

Diz o sr. Antonio Feijó no seu excellente relatorio *A Instrucção Popular na Suecia*:

«Em todas as escolas se observa a mais rigorosa disciplina. As creanças não entram nas aulas nem sáem das escolas em massa ou em debandada; é sempre debaixo de fórma, dois a dois, marchando a passo e na ordem mais completa, mesmo quando se dirigem para o logar do recreio. Só depois lhes é permittido correr e brincar á vontade. Findo o tempo de descanço, a um signal do director, as creanças mettem-se de novo debaixo de fórma,escalonando-se por secções como os soldados de um regimento, e voltam para as aulas sem confusão nem ruido. A ordem nas fileiras é mantida por decuriões, escolhidos pelos professores de entre os discipulos mais distinctos.

Terminadas as aulas,as creanças não sáem livremente do edificio escolar. Para evitar as correrias em debandada pelas ruas da cidade, as classes são agrupadas em companhias, segundo os diversos bairros, cada uma com o seu commandante designado pelo professor. As companhias sáem debaixo de fórma, a dois de fundo, e as creanças vão abandonando a fileira á medida que passam diante das suas respectivas casas.

Estes preceitos regulamentares são cumpridos com o maximo rigor, como toda a gente pode observar passando em frente de um edificio escolar á hora em que terminam as aulas. Nas minhas visitas ás escolas de Estocolmo, algumas d'ellas frequentadas por mais de 2:000 alumnos, este espirito d'ordem e disciplina, tão escrupulosamente observado, não foi dos factos que me causaram menor surpreza e admiração.»

Ora eis a verdadeira *differença*, outra vez o dizemos, entre o cerebro do estudante portuguez e o cerebro do estudante allemão. A differença é que na Allemanha ha ordem, ha seriedade e em Portugal é tudo uma desordem e uma pouca vergonha pegada.

Repetidas vezes subia eu, ha anno e meio, em Lisboa, o elevador de Santa Justa, para me metter no carro de Campolide. A pouca vergonha, o desaforo, que aquillo era! Uma rapaziada, que tinha lições á noite no lyceu do Carmo, invadia os carros. Sem respeito por conductores, nem pelos passageiros, nem pela propria policia, não havia diabrura que os meninos não praticassem. Uma má creação, uma brutalidade, uma pouca vergonha sem nome! E os passageiros tudo aturavam! E os conductores tudo permittiam! E a policia... nada via. Perguntando eu uma vez, indignado, a um conductor, qual a razão da sua passividade, respondeu-me: «Temos ordem superior para aturar isto tudo, senhor!»

Tal é a maneira porque em Portugal se encara... a liberdade. E tal é o motivo porque nós temos, em vez de liberdade de homem, liberdade de cavallo! E eis a razão porque eu peço e pedirei chicote, como o unico instrumento capaz de conter nos devidos limites ... a liberdade do cavallo!

A primeira coisa a fazer n'este paiz, desenganemo-nos, é metter os cavallos na ordem.

OS MAGISTRAES

Para mostrar o valor da **buissidencia**,e deve-se entender por **buissidencia** a colligação do grupo republicano Bernardino-Affonso Costa com o grupo Alpoim, basta o ignobil, o repugnante elogio mutuo a que os bandoleiros dos dois grupos mutuamente se entregam.

Apesar da baixesa de todo o partido republicano, o grupo Bernardino-Affonso Costa destaca-se dos outros d'uma maneira saliente. Basta percorrer o *Mundo*. As referencias aos amigos sobretudo ao amigo Affonso Costa e aos amigos do amigo Affonso Costa, são tudo quanto ha de mais nojento. Não seria preciso mais nada para que o partido republicano corresse com aquella corja, se dentro do partido republicano houvesse intelligencia e coragem para qualquer acto de revolta. O Affonso Costa é sempre o *grande parlamentar*. Os seus discursos são sempre os *magistraes discursos*. Os seus filhos são sempre ... creanças geniaes. Que nojo. Um verdadeiro nojo. Outro homem, que não aquelle charlatão, que só pode viver d'esses reclames ignobeis em face d'uma accusação tão multa bestial, teria tido pudor, vergonha, ha muito tempo, para impedir aquella porcaria.

Egual a elle só o outro charlatão que se chama Alpoim. O que este diz, o que este escreve, quando se refere ao Affonso Costa ou aos amigos do *Mundo!* Elle roja-se, elle engraxa, elle lambe as botas, elle incensa, elle atira foguetes... Que repellente creatura!

Um homem assim não tem, não pode ter valor, serio valor,authentico valor. Não pode ter. E' um eleiçoeiro boçal. E' uma ronha d'aldeia. E' um pantomineiro..

E são estes os grandes politicos d'esta terra infeliz!

Recebo do Rio de Janeiro *O Paiz*. E vejo n'elle duas conferencias de Anatole France, realisadas no theatro Municipal, d'aquella cidade. Ainda não li senão a primeira — *O positivismo e a paz do mundo.* E gostei.

Gostei no conjuncto. Discordo em varios detalhes. Assim, não percebo o horror de Anatole France pela idéa da politica se tornar uma sciencia exacta.

O positivismo é scientifico. E' scientifico em seus principios, em seus meios, em seus fins; é-o rigorosamente, mathematicamente. E' **justamente isso que me assusta.** *Que liberdade fica ao espirito em uma politica e em uma moral scientificas?*

Em nossas republicas, em nossas monarchias constitucionaes,temos a liberdade de discutir os negocios publicos e as condicções do pacto social, **justamente porque esses assumptos são incertos e porque a verdade não transluz n'elles com uma plena evidencia.** *Mas desde que a moral, desde que a constituição dos Estados, desde que a ordem social, sejam estabelecidas scientificamente, como e sobre que discutir ainda, e que será da liberdade? A gente não tem a liberdade de admittir ou repellir os casos de igualdade de triangulos, a de acceitar ou recusar o principio de Archimedes, e de avaliar com independencia o peso que perde um corpo mergulhado em um liquido.*

Se na sociedade positiva, as relações dos Estados e dos individuos attingem, segundo a firme esperança manifestada por Comte, e seus discipulos, o rigor scientifico, a exactidão absoluta d'um theorema de geometria, ou d'uma lei de physica, a liberdade de que tanto nos ufanamos, a liberdade fecunda ou salutar, a liberdade querida que combate com os seus defensores, ficará reduzida a ser o **capricho da loucura e a insolencia do erro.**

Felizmente, a politica não está em caminho de ser uma sciencia exacta.

Ora vejam um espirito tão brilhante a contradizer-se e a affirmar uma insensatez.

Em primeiro logar, o que é a sciencia? Ha sciencia e sciencia. Eu tambem dizia n'um artigo do *Povo de Aveiro*, de domingo, ultimo que *nunca tinha chegado a comprehender a sciencia.* Mas qual sciencia? A da redondeza da terra? A da gravitação universal? Não.

Na sciencia ha verdades adquiridas e *verdades para adquirir.* Ha certezas e ha hypotheses.

Como ficaria a *liberdade querida* reduzida a ser o *capricho* da *loucura* e a *insolencia do erro* se as relações dos Estados e dos individuos attingissem o *rigor scientifico, a exactidão absoluta d'um theorema de geometria ou de uma lei de physica?*

Devaneios litterarios.

Puros devaneios litterarios.

Desde que a moral, desde que a constituição dos Estados, desde que a ordem social, sejam estabelecidas *scientificamente,como e sobre que discutir ainda,* **e que será da liberdade?**

Mas qual liberdade? Mas o que entende Anatole Fance por liberdade?

O que era a liberdade, com as velha theorias do universo, com a concepção primitiva da creação, com a cosmogonia orthodoxa?

Essa liberdade era a tyrannia..Essa liberdade era o martyrio. E porque? Copernico têm escondido annos e annos o livro em que nos expõe, sustenta e defende as verdadeiras theorias. Galileu corre o grave risco de morrer na Inquisição e se não fica lá deve-o a uma apostasia. Porque? Porque a verdade scientifica não era ainda uma *verdade adquirida*, uma verdade *incontestada.* Desde que o foi, ninguem mais correu o perigo de morrer na Inquisição, nas galés, n'um hospital de doidos ou n'uma penitenciaria.

O que era a liberdade antes d'essas leis fixas da mathematica, da chimica, da physica, a que Anatole France se refere? Era a tyrannia, era o martyrio, era a fogueira, era a perseguição, por todas as formas e processos. Alberto o Grande e Vicente de Beauvais tiveram de abandonar os seus estudos para não ferir o *Principio admittido.* Rogerio Bacon, o grande Rogerio Bacon, accusado de magia e de convivencia com Satan, desencadeou contra si tamanha tempestade que nem o papa, seu amigo pessoal,lhe poude valer. E cem casos e mil casos como esses. Que cessaram unicamente quando a demonstração da verdade se fez por uma forma indiscutivel.

Quem firmou a liberdade foi precisamente a sciencia positiva. E não se tome agora esta palavra como expressão do systema philosophico que Anatole France analysou no Rio de Janeiro, isto, é pelo positivismo. Queremos dizer *sciencia exacta* quando dizemos sciencia positiva.

E não só a sciencia positiva. Não está resolvido ainda o problema da loucura. Não está resolvido ainda o problema da hysteria. Um denso véo cobre ainda esses estudos. Comtudo, o hysterismo já não é tomado, como dantes,pelo *diabolismo.* As pobres hystericas já não soffrem os tratos de polé que antigamente soffriam. Os pobres louoos já não são tratados com a velha tyrannia.

Tudo isso vinha da ignorancia. Tudo isso vinha da falta da verdade, da ausencia da *sciencia positiva.*

Em nossas republicas, em nossas monarchias constitucionaes, temos a liberdade de discutiir os negocios publicos e as condições do pacto social, **justamente porque esses assumptos são incertos e porque a verdade não transluz nelles com uma plena evidencia.**

Mas justamente porque esses assumptos são incertos e porque a verdade não transluz nelles com uma plena evidencia, ha a fome, ha as revoluções, ha as tremendas luctas de classe, ha os martyrologios, ha as perseguições como quando do estudo das leis da physica, da chimica, como quando era completa, ou pouco menos, sobre certas doenças, a ignorancia da medicina, como quando se suppunha que a terra assentava sobre quatro elephantes gigantescos, ou se explicava o universo como uma serie de balões de crystal.

Pois Anatole France desentranha-se em hymnos á paz e, ao mesmo tempo, deixa sahir dos seus labios uma vehemente saudação á guerra?

Desde que a moral, desde que a constituição dos Estados, desde que a ordem social fossem estabelecidas scientificamentes ter-se-hia estancado a fonte mais poderosa das torturas, dos soffrimentos, dos combates, das dores que dilaceram e affligem a humanidade.

Pois de que vem a guerra do monarchico ao republicano, do republicano ao monarchico, do socialista collectivista ao socialista anarchista e do socialista anarchista ao socialista collectivista senão de não estarmos, ainda, na posse da verdade? Quando um regimen social e politico se impozesse com a verdade com que se impoz a redondeza da terra, a gravitação universal, e outras leis scientificas, terminariam as luctas sociaes e politicas como terminaram aquellas que se travaram a pretexto da sciencia.

Pois de que vem a lucta religiosa senão do mysterio do universo, do mysterio da natureza, do mysterio do homem, do mysterio da vida? Rasguem o véo que encobre o mysterio, e logo todos os homens passarão, ou a não adorar Deus algum ou a adorarem o mesmo Deus.

Felizmente, a politica não está em caminho de ser uma sciencia exacta.

Infelizmente! Infelizmente! affirmo eu.

Para dizer isso, francamente, escusava Anatole France d'ir ao Rio de Janeiro. Poupavam-se incommodos e despezas.

Sob o ponto de vista litterario talvez Anatole France possa e deva dizer: *felizmente.* Na verdade, não ha nada que se preste mais á *phraseologia dourada* que a mentira. A litteratura, a litteratura artistica, a litteratura rendilhada, não tem vivido senão da nebulosidede, do vago, da hypothese,do phantasma, da mentira, do sonho. Quem sabe se é uma das razões porque a humanidade tem caminhado tão pouco! A litteratura tem feito o papel das miragens em esterilisante e secco deserto ou das grandes auroras em enormes campos de gelo. E' um canto de fadas, um eterno canto de fadas, uma historia das mil e uma noites n'este horroroso deserto da vida. Serve para illudir, quando muito, na melhor hypothese, para adormecer a gente.Um bem, um mal? Se o homem está destinado a não chegar, jamais, á sua perfeição, um bem. Talvez um bem. N'esse caso, enganar-se a gente talvez seja um allivio. Talvez um motivo d'esperança. Talvez um motivo d'alento.

Mas, então, Anatole France é illogico quando arranca, ou tenta arrancar, a illusão religiosa aos crentes. Ainda não conheço maior allivio, maior motivo de alento, que a esperança nos gosos divinos. A verdade é uma e indivisivel. Ou haja verdade para tudo, ou não haja verdade para coisa nenhuma.

Se o homem está destinado a não chegar, jamais, á sua perfeição, a mentira, a illusão, que em geral representa certa litteratura, é um bem evidente. Mas se o homem pode avançar no caminho da verdade e da justiça, que é avançar no caminho das conquistas sociaes e politicas, essa litteratura sonho, esse canto de sereia, essa imagem, essa aurora boreal, aliás tão cheia de brilhantismo, traduz-se praticamente n'uma difficuldade, n'um embaraço continuo.

Comtudo, diga Anatole France, se quer, sob o ponto de vista litterario ... *felizmente.* E' um ponto de vista litterario e é um ponto de vista pessoal. Anatole France é um artista. E o artista precisa dos effeitos do pego, do abysmo, d'um falso horisonte, d'um espaço sem fim. Socialmente, porem, policamente, disse uma grande heresia.

A sciencia politica é a resultante de todas as sciencias. Se não está em caminho de ser uma sciencia exacta, não está em caminho de o ser a biologia, não está em caminho de o ser a physica, não está em caminho de o ser a chimica,não está em caminho de o ser a geologia, não está em caminho de o ser... nenhuma d'ellas, embora a algumas se chame... sciencias exactas ...por ironia. Então:

Ai da pobre humanidade!

Ai do triste destino!

A grande quadrilha

Lia-se, quarta-feira, no jornal do França Borges:

A malta do pasquim do Pelourinho, irritada com os factos que lemos contado a respeito d'ella e dos seus correligionarios, deu folga ao "Pulha de Aveiro„—cuja biographia, tão conhecida do publico, tem aliás os seus mais interessantes pormenores em documentos apresentados recentemente na Boa Hora. E, segundo se vê do pasquim, o "Pulha„ aqueceu realmente— para o pasquim transcrever ou fazer referencias.

Delicia-nos esta camaradagem dos serventuarios do sr. patriarca e dos grandes amigos do paço com o "Pulha de Aveiro„. E' verdadeiramente encantadora.

Se houvesse alguma duvida estavam todas as duvidas desfeitas. Ei-lo-ahi, orgão authentico da prostituição. Ei-lo-ahi, ei-lo-ahi!

Ei-lo-ahi, tal qual o definimos. Agora não é pago. Não, senhores, não é pago. Agora é a pedido... da Margarida das Flores!

Ah, nós conhecemo-los! Podem ter a certeza de que os conhecemos... admiravelmente! Eu julgo que já ninguem duvida. Mas os factos hão de confirmar tantas vezes as nossas palavras que todas as duvidas hão de desapparecer n'aquelles que, por ventura, tiverem ainda alguma duvida.

Tinhamos nós dicto, no ultimo artigo:

O "Mundo„ faz "chantage„. Quer-se uma navalhada n'um homem? E' tanto! Quer-se infamar uma mulher? E' tanto! Não se comprehendia, porem, uma coisa. Ou antes, duas. Que o "Mundo„ fosse tão feroz em arrastar, por um lado, mulheres altamente collocadas pela lama do sprostibulos;que o "Mundo„,por outro lado,fosse o porta-voz, em varias infamias, de prostitutas sem vintem. Estas não pagam. E aquella ferocidade tambem se não explicava bem por dinheiro. Em regra, "maitre chanteur„ é pulha mas não é feroz. Pois está tudo explicado. A Margarida serve ás amigas. E vinga-se nas altas classes ... da sua baixa condição.

Eis ahi, eis ahi! Digam lá que não os conhecemos! Nem os senhores, os que nos lêem, esperavam tão depressa... a confirmação!

Elles não nos perdoam as taponas. Mas agora, n'este caso especial de filhos e paes, de homens e mulheres, elles não nos perdoam, sobretudo, que nós nunca abandonassemos os filhos! Elles não nos perdoam, sobretudo, que nós nunca houvessemos sido *souteneur!*

E' claro que o *orgão da Margarida das Flores* queria-nos vêr, como o Margarido, *souteneur.* Como o Margarido e como varios margaridos que elles por lá teem e cujos nomes e historia veem qualquer dia para a baila.

E' claro que o orgão da *Margarida das Flores* queria-nos vêr a abandonar os filhos, a abandonar uma mulher honesta e a fugir com uma prostituta... para longe.

Mas nunca viu. Não, isso nunca viu. Pode-nos ter visto, talvez, ser condescendente demais com os filhos. Ter para com elles mais perdão, mais piedade ou mais carinho do que o geral dos homens teem. Mas abandona-los, mas fugir deixando-os entregues aos azares da sorte varia, em lucta com as difficuldades da vida crua, sem um remorso, sem uma difficuldade, sem um impeto d'alma que nos fizesse arrepender, parar, andar para traz, nunca, nunca viu. Nunca, miseraveis. O' grandes miseraveis! O' grandes pulhas!

Nunca, malandros! Nunca nos vistes, sequer, de braço dado com prostitutas! Nunca nos vistes, sequer, em casa d'uma prostituta! Quanto mais viver com prostitutas, quanto mais abandonar casa, quanto mais abandonar familia, abandonar filhos para fugir com prostitutas!

Malandros, que vos havemos de enterrar, até á ponta dos cabellos, n'esse lodo dos prostibulos! E só para essa obra de sanidade moral nós poderiamos transpor...a porta d'um prostibulo!

Quaes são os documentos apresentados na Boa Hora, malandro? Quaes são os interessantes pormenores d'esses documentos, bandido? Has de dizer, ou contamos, então, por nosso lado, todos os *pormenores* que *nós sabemos.* Todos os pormenores da tua vida de prostituição com a Margarida. Todos os pormenores da vida infamissima que o **anão** tem levado atravez do novo e velho mundo.

Já dissemos que temos em nosso poder, sobre a historia do Margarido e da Margarida das Flores, *as mais rigorosas, as mais preciosas, as mais interessantes informações.* Dissemos que as deixavamos de reserva para sahirem em *occasião opportuna.* Pois bem. Não sahirão. Teremos essa condescendencia, a unica, com o Margarido. *Mas ha de elle dizer quaes são os documentos que existem na Boa Hora contra nós e quaes são os pormenores d'esses interessantes documentos.*

Então a prostituição macha e femea, a dos Margaridos, a das Margaridas, julga que nós somos o padre Mattos, que tem estado para ahi calado com a historia do orfão Albino, tendo para esmagar os bandidos, que ousem censura-lo, formidaveis elementos?

Não. Nós não somos o padre Mattos. *Nós falamos. Nós não temos receio nenhum de falar. Nós não ficamos intimidado com nenhuma infamia. A nós não nos mette medo a lama, nós não recuamos deante de chantage alguma.*

Ao publico dizemos: **não temos questão nenhuma pendente na Boa Hora. Nenhuma! Ninguem intentou qualquer acção contra nós. Ninguem!** Não queremos accrescentar—que não é para aqui—se a intentámos nós ou não, contra outra pessoa. Simplesmente diremos *que de todas as questões judiciaes em que temos entrado durante a nossa vida, ainda* **não houve** uma *que os tribunaes não resolvessem* **por unanimidade de votos** *a nosso favor e que,* **por unanimidade de votos,** *não fosse repellida, pelos tribunaes, toda e qualquer allegação adduzida contra nós.* O Margarido prova o contrario. E se não provar, fica mais uma vez sabido que não ha infamia, como sempre, que não aproveite para ferir os inimigos. Como não ha infamia que não aproveite para servir os amigos. O que é da essencia, aliás, de todos os prostitutos.

Ah, que não nos intimidam! Com a infamia, com a chantage, com a bomba de dynamite, com a faca sevilhana, conseguiram, e em parte ainda conseguem, triumphar d'um paiz todo. D'um paiz de pusillanimes. D'um paiz de covardes. De uma corja que falando a toda a hora no *campo da honra* e querendo, com artificios varios, passar por corajosa, é tudo quanto ha de mais repugnante, de mais vil na covardia. Pois comnosco enganaram-se. Mettemos-lhe pela bocca abaixo as *leis da honra.* Mas não só ficámos aqui promptos a ser alvo dos seus golpes, como avançámos contra a sua metralha resolutamente.

E, posto isto, continuemos a pôr á mostra os podres da quadrilha.

Escrevem-nos:

Sobre Cunha e Costa fala quem conhece muito da sua deploravel biographia. Estive em S. Paulo (Brazil) com elle. Era então, como ainda ha de vir a ser, monarchico. Para um assumpto particular, falei-lhe. Era elle ao tempo redactor encarregado da parte financeira (!) do "Correio Paulistano„. José Barbosa estava tambem, n'essa occasião, em S. Paulo. Affirmo e juro a v., que n'esse tempo (1897) toda a gente dizia que Cunha e Costa estava casado no Brazil e que se separara da mulher porque esta se "portava mal„. Toda a gente dizia que Cunha e Costa alli tinha casado. A mim, um dia, me disse elle, que tendo tido enormes desgostos na sua vida, ainda esperava, comtudo, receber um bom dote pela morte do sogro (!!!) Não percebo bem.

Cunha e Costa, quando foi para o Brazil, acceitou um logar que lhe offereceu o governo da Republica, em Minas Geraes. A acceitação d'esse logar, sem auctorisação do governo portuguez, implicou a perda dos direitos de portuguez para o acceitante. Mais tarde, foi posto fóra. Foi para S. Paulo. De lá seguiu para Santos. Alli conseguiu ser nomeado "Vice-consul de Portugal. Conhecida, porem, a sua biographia, a colonia portugueza reuniu (estava eu presente) e foi resolvido, como desprezo contra semelhante creatura, entregar a direcção dos negocios portuguezes ao consul hespanhol na mesma cidade. E' uma verdade! Queira consultar a "União Portugueza„,de Eugenio da Silveira, do tempo.

Continuarei, se assim o entender.

Continue, continue. Faça favor de continuar. Vamos a esta obra de verdade, de justiça, de sanidade moral, de patriotismo. Vamos! Fale o senhor, falem todos os homens honestos, falem todos os inimigos das quadrilhas politicas, falem todos os patriotas, falem todos os verdadeiros portuguezes. Vamos! Digam, todos, aquillo que souberem.

Que não percebe bem! Diz o nosso correspondente que não percebe bem! Pois nós lh'o explicamos.

Estamos a vêr que Cunha e Costa *tem casado* por mais do que uma vez. Falta só isso! Mas, verdadeiro aventureiro, Cunha e Costa não teria pejo algum de o fazer.

Toda a gente dizia que Cunha e Costa *estava casado* no Brazil, que *se tinha casado no Brazil?* Que duvida! Que duvida!

Elle fugíu do Porto com uma prostituta. Elle era doido por essa prostituta. Casou com ella no Brazil? Que duvida! Que duvida!

Que duvida! Talvez isso venha explicar o abandono *formal, completo*, da sua legitima mulher, e dos seus filhos, Cunha e Costa—sobre isso é que não ha duvida nenhuma—foi para o Brazil na *intenção absoluta* de não voltar a Portugal. Sobre isso é que não ha duvida nenhuma. Isso affirmamos nós. Isso sabe-o toda a gente que privou com elle no Porto e toda a gente d'esta cidade d'Aveiro.

A republica era então para elle, como para quasi todos, era e é, era então e é hoje, uma verdadeira especulação. N'um jantar — contámos isto, muita vez, ha dezesete, quinze, doze, dez annos, n'este *Povo de Aveiro*, onde ha vinte e oito annos combatemos **todos** os especuladores politicos, monarchicos e republicanos—n'um jantar republicano realisado em 1890, n'esta cidade d'Aveiro, dizia Cunha e Costa: *Isto, meus senhores, ou a republica vem por estes dois annos ou cada um de nós* **trata da sua vida.**

Eu não assistia ao jantar. Eu não estava em Aveiro. Mas no dia seguinte recebia uma carta de meu irmão Manuel a contar-me o succedido. E meu irmão com muito criterio concluia: *E' preciso cuidado. Estamos em face d'um especulador.*

Ora eis o homem! A republica não veio nos dois annos. Elle foi para o Brazil tratar da sua vida!

Foi, era a sua intenção, manifestou-o, disse-o aos amigos, *para não voltar.* E como ia *para não voltar*, abandonava definitivamente a sua mulher e os seus filhos. Se fosse para voltar, como é intelligente provavelmente não o fazia. Não queria arrostar esse *compromettimento.* Era um *entalão* ... para o regresso.

Mas, bandido, aventureiro, cavalheiro d'industria, que lhe importava a mulher, que lhe importavam os filhos, que lhe importava a familia, se elle ia adoptar nova patria e familia? Tolice! O que seria um acto intelligente na hypothese contraria, seria, n'essa hypothese, uma tolice.

Casou lá, no Brazil, com a mulher que o acompanhou e por quem estava apaixonado? E' possivel. Mais do que possivel, é provavel. E' provavel, é!

Em todo o caso, a mulher *que se portava mal*, de quem Cunha e Costa se separara *por ella se portar mal*, era essa. A sua *primeira mulher*, se era a primeira, se é que o malandrete, que nos apparece agora sob um aspecto novo,já não teria casado no Alemtejo por onde andou em rapazote, a sua primeira mulher, essa não só esteve sempre livre de toda a suspeita de deshonestidadede como nunca sahiu d'esta cidade de d'Aveiro.

Elle esperava receber um *bom dote pela morte do sogro?* Então era o sogro do Brazil! Isto é, o pae da mulher com quem elle casou no Brazil! O sogro d'Aveiro, não, que esse não tinha fortuna.

Sobre o resto das revelações da correspondecia, dois detalhes ignoravamos: 1.º que Cunha e Costa houvesse sido funccionario da Republica do Brazil; 2.º que a colonia portugueza, reunida em S. Paulo, houvesse resolvido pedir que os negocios portuguezes fossem entregues ao consul hespanhol. Isto é, este segundo caso não o ignoravamos. Tinha-nos esquecido. E não o ignoravamos, e não o podiamos ignorar, porque tivemos em nosso poder o exemplar da *União Portugueza* a que o correspondente se refere. Perdemo-lo, o que é raro succeder com papeis que entram n'esta casa. Perdemo-lo, ou está mettido em sitio onde não damos com elle. O que é certo é que já o temos procurado e ainda não nos foi possivel encontra-lo. Se alguma alma caridosa o tiver, que o mande para cá.

Perdemo-lo. Mas lemo-lo na occasião. Ora se a *União Portugueza* falou na resolução tão affrontosa da colonia portugueza, então esquecemo-nos. Lembra-nos muito bem,muito dem,e já o temos escripto varias vezes n'este *Povo d'Aveiro*, a colonia portugueza de Santos se ter reunido para *protestar contra a nomeação do Cunha e Costa como vice-consul de Portugal n'aquella cidade.* O resto, ou não o disse a *União Portugueza*, ou varreu-se-nos da memoria.

Mas é interessante, é interessantíssimo!

E é um homem d'esses que o tratante do Bombardíno Rachado vae buscar, com plena consciencia, para apostolo ... da *santa causa democratica*!

O Povo de Aveiro

Sahe hoje, emfim, com o seu typo novo, e impresso na sua machina nova, o *Povo de Aveiro.* Ha de lhe acontecer, naturalmente, o que acontece ás peças de theatro quando vão nas provincias pela... primeira vez. Acaba o theatro ás tres horas da noite e a peça é mal representada. Com pessoal que não conhece a machina, pouco experimentado n'estes trabalhos... a obra ha de deixar muito a desejar. Mas, emfim,... é o que ha. Iremos apprendendo, que não ha outro remedio.

Desculpem os leitores se o *Povo de Aveiro* não sahir hoje tão bom como desejavamos, na certeza de que faremos esforços porque venha...a sahir melhor.

E havemos de consegui-lo.

Approveitamos a occasião para agradecer á casa Mascaró, de Lisboa, agente das casas allemãs, os bons serviços que nos prestou.

Trinta & C.ª

Sentem o cauterio nas mataduras! E dão coices nas estrellas!

E' de norte a sul. E' de leste a oeste. Um zurrar e um espinotear contra nós... que até faz fumo!

Cheguem-lhes! Cheguem-lhes forte! Já sabem o que é que lhes doe: transcrever trechos do *Povo de Aveiro*. Transcrevam! Transcrevam cada vez mais! E' transcrever para a frente! Olhem que nós conhecemos as bestas. Dêem-lhes para baixo! Sem dó nem piedade! Deixem-nos *cantar*. Quanto mais elles *cantarem* melhor. Cantam? Doem-lhes as mataduras. Cheguem-lhes! Deem para baixo! *Porrada* para cima d'elles! Não se levam d'outro modo, essas bestas.

Agora um, de Braga, clama que só somos *tezo na gazeta*. Berra que devíamos dar o *exemplo pratico. Que galopariamos a quatro* se nos vissemos em risco de ser *esmurrado simplesmente*. Que já não é a *primeira vez*.

Este, para mostrar o que é, não precisa escrever mais. E' pulha e é tolo. E' pulha... porque ainda em cima queria que lhe batessemos! Olhem que é de primeira ordem! E é tolo, porque tendo um meio tão facil de nos fazer calar deixa-nos estar aqui, tranquillamente... a escorcha-los vivos!

E' de primeirissima ordem, este pulha!

De primeirissíma ordem! Que elles, afinal, são todos assim. Todos. Deus escolheu-os, evidentemente, para alguma missão divina. Qualquer dia arromba-se este solo—já Benavente o vae denunciando — e Deus embarca-os... para povoar de pulhas o universo todo.

Deus é previdente. E é sabio. Escolheu bem. A raça dos pulhas tambem é precisa. Tão precisa que Deus creou-os logo que creou o mundo. Deus é sabio. Deus é previdente. E escolheu bem: para aperfeiçoamento da raça não ha pulhas eguaes a estes.

Então com quê, queria chicotada ao vivo, seu grandissimo filho da mãe! Não contente com esta chicotada de imprensa, queria chicotada de pita! Não, que ficavamos roubado. Você nasceu ao relento. Tem o lombo muito duro.

O grande pulha! Nós dizemos-lhe, a elle e a todos, o que nunca ninguem lhes disse. E nós é que ainda haviamos de pegar n'um chicote... para lhes desfazer o focinho!

O grande pulha!

Isto quanto á primeira parte. Quanto á segunda... não é menos tolo nem menos pulha. Que *galopariamos a quatro*, se nos vissemos no risco... de *ser esmurrado simplesmente* E que não era já a primeira vez.

Pois, meu caro, emquanto você, ou outro da quadrilha, o não demonstrar segunda vez, pode estar certo de que ninguem acredita na primeira. Ha de você prova-lo segunda vez. De outra forma não, homem. Você fica sendo pulha e ridiculo. E ridiculo! Estar aqui um homem a aguilhoa-lo, a monta-lo, a afocinhá-lho, a você e a todo o seu partido, e a toda a sua quadrilha, e você limitar-se a dizer que *galopariamos a quatro* se alguem nos *quizesse esmurrar simplesmente*, e que já não é a primeira vez, meu caro... é de pulha e ridiculo.

Quem tem medo, não corre o perigo de fazer de você uma rodilha, e de toda a sua quadrilha. Isto é logico, meu caro. A logica dos factos. E' superfluo discutir.

Mas accrescenta o pulha que não somos *immaculado*. E que nos tribunaes—a este ponto se responde n'outro sitio—correm coisas contra nós.

Não somos. Immaculado não somos. Nem o podiamos ser, desde que o é o Arthur Leitão, o Cunha e Costa, o França Borges, o Padua Correia, o Ribas d'Avellar e tantos outros.

Não se cance, seu pulha. Não se cance, seu malandro. Não sabemos o nome nem a historia do malandro que rabisca no papelucho de Braga. Esperamos que algum benemerito de Braga pratique o dever moral e patriotico de nos pôr em dia com os figurantes e com a historia da pequena quadrilha lá da terra. Entretanto, para vermos, e todo o mundo, que estamos em face d'um malandro, não é preciso mais que isto: o malandro é devotado correligionario, o pulha é verdadeiro amigo, o miseravel é *solidario na virtude* com o Arthur Leitão, com o Padua Correia, com o Ribas d'Avellar, com o França Borges, com o Affonso Costa, com o Cunha e Costa, com o Aurelio Netto e muitos outros.

O latrinario, o bilontra, da grande sociedade Trinta & C.ª, é discipulo do Affonso Costa, é admirador do Cunha e Costa, cahe nos braços de França Borges, enfia o braço direito no braço esquerde de Arthur Leitão, o braço esquerdo no braço direito de Ribas d'Avellar, e assim percorre o caminho da gloria em direcção á meta da virtude!

Que mais é preciso dizer a esse pulha?

Na verdade, elle precisava dois pontapés. Elle tem razão. Mas nós é que não temos pachorra nem dinheiro: para sujar o bico da bota e pagar ao engraxador ainda por cima.

27 d'agosto

Cinco minutos que levantei a cabeça d'este trabalho afadigoso que me mata, lancei os olhos, hontem, sobre o frontispicio d'uma revista que estava ha dias em cima d'esta mesa, tal qual tinha chegado.

Cinco minutos, meu amigo! Já não tenho tempo para mais. Como e leio... á laia de phoca.

Parece que a phoca está sempre a abrir e a fechar os olhos. Eu li isso, ha muitos annos. Em que livro? Nem eu sei. No Julio Verne? Na *Bibliotheca das Maravilhas?* Nem eu sei.

Lembrei-me agora da *Bibliotheca das Maravilhas* e a lembrança trouxe saudades. A gente lembra-se de coisas ao correr da penna que nunca lembraram ou que parecem mortas no pensamento. Eu começo a escrever, a escrever, e as coisas a apparecerem, a apparecerem... E' engraçado! Como uma palavra traz outra palavra, como uma idéa traz outras idéas, e se architectam, de repente, edificios razoaveis! Em que a gente nunca tinha pensado!

Esta coisa, agora, da *Bibliotheca das Maravilhas!* Eu nunca mais vi a *Bibliotheca das Maravilhas*. Nunca mais. Tinha-a meu cunhado com quem eu vivi em rapaz. Era eu creança. Ha trinta e cinco annos! O que lá vae! Uma grande porção de volumes, todos de capa verde, se me não falha a memoria, tratando de coisas varias. E eu lia aquillo. O encanto com que eu lia esses livros!

O que nos falta, meu amigo, o que nos falta?

Lembra-se da *Resurreição*, do Tolstoi? Quando aquella mulher prostituida se está vendo ao espelho, e não encontrando, por mais que enfeite a cabelleira, o encanto de rosto que tinha n'outros tempos, solta o grito dilacerante, que abala o espectador até á raiz da alma: mas o que me falta, o que me falta?!...

Faltava-lhe o perfume da innocencia, a frescura da consciencia lavada, que nenhuma droga é capaz de substituir ou compensar.

A nós, velhos, falta-nos, tambem, o louco idealisar da mocidade. Afinal, a alegria, a felicidade da humanidade está na loucura. Quando se esvae a loucura, esvae-se a alegria, esvae-se a felicidade. Um fumo. O homem, quanto menos louco mais triste e mais agoniado. Triste condão da humanidade!

Tudo tinha encanto, para mim, na mocidade. Eu achava prazer no rir, no cantar, no ler... Almoçava com prazer, jantava com prazer e dormia com prazer. Hoje, nada me dá prazer e nada me dá encanto. E ahi tem porque esta lembrança da *Bibliotheca das Maravilhas* me trouxe saudades. E ahi tem, tambem, meu caro, porque começo a não acreditar muito na tal perfeição da humanidade.

Veja o insensato, o cabeça de vento, o estoira-vergas, o folião. Como elle é feliz! Veja a prostituta. Como ella é alegre! Ponha ao pé do folião o homem serio, ao pé da prostituta a mulher honesta, e veja como são tristes, como são graves!

A seriedade é triste. E' triste a honestidade. E' triste o pensamento. E' triste a sciencia. Este é o facto. Pelo espectaculo da loucura ou da inferioridade? Talvez. Mas é triste, que é o facto. Ora a humanidade ha de fugir sempre de preferencia para o prazer, para o turbilhão das alegrias e dos gosos. Logo, difficilmente attingirá a superioridade.

Ha compensações, diz-se. Ha. A gente honesta sente um certo prazer intimo na sua honestidade. O homem de talento e de caracter sentem-se fortes na sua superioridade. Mas, por mais prazer intimo que sinta a honestidade, por mais forte que se sinta a intelligencia, ninguem é capaz de lhe sacudir de cima a nota triste de gravidade.

Mas.... voltemos atraz, amigo.

Nunca mais vi a *Bibliotheca das Maravilhas*. Julgo que era este o nome. Não affirmo. Mas era, era. Tambem não affirmo que seja verdadeira a historia da phoca. Tenho lido tanta coisa que posso confundir. Mas não confundo, não.

Eu tenho lidado com muita phoca. D'estas de tres ao vintem. Essas conhece-as o meu amigo tão bem como eu. A outra, a genuina, a dos mares boreaes, nunca mais a encontrei. Foi só d'aquella vez. Repito, ou no Julio Verne, ou na *Bibliotheca das Maravilhas*, ou nos dois. Talvez nos dois. Sim. Accorda-me a memoria. Parece-me que foi nos dois.

A phoca é dos amphibios, como o meu amigo sabe. Vive no mar e na terra. Sahe do mar, estende-se na praia e começa a dormitar. O urso branco avança, então, para lhe deitar as garras. A natureza, tornando a phoca previdente, dá-lhe somnos muito curtos. A phoca está sempre a abrir e a fechar os olhos. Mas a necessidade, tornando a phoca previdente, tornou o urso astuto. O urso conhece o somno intermittente da phoca. E avança... por intermittencias tambem. Isto é, dá meia duzia de passos e agacha-se. Branco, como a neve, facilmente consegue confundir-se com a neve, sem a phoca dar por elle. Assim se approxima. Até que dá um pulo, quando se julgo ao alcance, e agarra a phoca.

Eu não sei se isto foi sonho. Mas julgo que não. Parece-me até que já o contei uma vez, n'este jornal. Em todo o caso, é coisa muito velha na minha memoria. Se li, li isso ha muitos annos. Pode ser que esteja enganado. Mas, se for assim, com estas explicações todas ganhei direito a ser desculpado.

Leio, pois, e como, á laia de phoca. Quero dizer, nas intermittencias do trabalho. Com esta differença: a phoca accorda de cinco em cinco minutos, ou menos. Eu só accordo... de horas a horas.

Ergui a cabeça, hontem, poisei, um instante, os olhos sobre o frontispicio da revista, abandonada ha dias, já, em cima da mesa, e li: *Comment on se mariait autrefois.*

Como diabo se casariam os homens e as mulheres em outro tempo? Ora, como se casam hoje! Pensei logo e pensei bem. Sim, meu amigo. Pensei bem.

Li por alto aquellas paginas. Nem tinha tempo para as ler demoradamente, nem valia a pena. Eu já sabia... Li por alto aquellas paginas. E, *mutatis mutandis*, a mesma coisa que é hoje. O mesmo motivo, sempre. O mesmo thema. O homem, o auctor, começa por dizer—n'um artigo anterior, porque a prosa, afinal, já era continuada—que entre as instituições seculares sobre as quaes sopra um vento de reforma, nenhuma soffre um assalto tão temivel como a instituição do casamento. E conclue o preambulo por affirmar que no meio dos deboches das sociedades anteriores, o casamento foi sempre respeitado, no emtanto, como um acto muito serio.

Fechei o livro, reflecti um instante, e cahi na minha. Meu amigo, cahi na minha. Mudança de forma, e nada mais. No fundo, progressos nullos ou imperceptiveis. Sempre a mesma animalidade, sempre o mesmo egoismo.

Porque, meu amigo, não nos illudamos. O mobil de tudo isto é o egoismo, é a ancia do goso, é o vicio, é o interesse vil. Já o disse e insisto, E' o vicio, é o interesse vil a mascarar-se. Com a mascara do amor, da liberdade, da humanidade.

Em 1721, *Madame*, segundo o auctor do artigo, exclamava: *On trouve encore de bons ménages parmi les gens de qualité inférieure; mais, parmi les gens de qualité, je ne connais pas un seul exemple d'attention réciproque et de fidélité.* Em 1909 exclamam os anarchistas: *A immoralidade da mulher não consiste em possuir muitos amantes successivamente mas em estar ligada a um companheiro que lhe cause aborrecimento ou simples indifferença.*

Pois não é, no fundo, a mesma coisa?

Eu passo por reaccionario. O meu amigo passa por reaccionario. Por reaccionario e estupido. Por reaccionarios e estupidos passam quantos não vão n'essa corrente das *innovações*. Somos objecto de troça. Somos objecto de ridiculo. Tal e qual como no seculo dezesete e no seculo desoito!

La plupart de ceux (ménages) que l'on donne comme des modèles servent aussi de cible aux quolibets. On se gausse du couple Gontaud qui "roucoule„; du ménage Mirepoix, du ménage Beauav "où l'on ne se quitte point. On les chansonne; pour un peu ils feraient scandale. Du moins apparais sent-ils comme "fort ridicules et extravagants.„

O auctor continua:

Mais que Mme de Ménars, femme separée de M. de Marigny, fasse les cent coups à la cour; que Mme de Polignac écrive à son mari: "Je suis grosse; vous savez bien que ce n'est pas de vous, mais je ne vous conseille pas de faire de bruit. Tout enfant né dans le mariage appartient au mari. Ainsi cet enfant est bien à vous. D'ailleurs, je vous le donne!„. que le duc d'Orléans, après avoir passé dans la loge de sa femme, á l'Opera, aille s'installer dans celle du prince de Soubise, en compagnie de danseuses auxquelles il baise les mains publiquement; que la duchesse de Rohan s'affiche sans vergogne avec de jeunes officiers; voici qui parait fort naturel et qui va des mieux.

Em que differe de hoje, meu amigo? Hoje o duque d'Orléans escreveria n'um jornal: *A immoralidade da mulher não está em possuir muitos amantes successivamente mas em estar ligada a um companheiro que lhe cause aborrecimento ou simples indifferença.* Hoje a madame de Ménars prégaria o amor livre, e madame de Polignac faria uma conferencia a favor do divorcio. E aqui os tem irmanados: plebeus e fidalgos, auctoritarios e libertarios, emancipadores e escravisadores, a arte velha e a arte nova, o seculo dezoito e o seculo vinte.

E' o vicio, meu caro, é o egoismo exaltado, é o egoismo feroz. Sempre o mesmo, atravez do tempo e da historia!

Ahi os tem irmanados. Quer saber o que ha no mundo de mais egualitario? E' o vicio. Não ha nada de mais aristocratico que a intelligencia e a virtude. Ouviu, amigo? Que a intelligencia e a virtude. A intelligencia é inimiga nata da egualdade. A virtude é o maior de todos os embaraços á egualdade.

O amigo não consegue nunca um accordo entre a intelligencia e a estupidez. Nunca conseguirá que a intelligencia desça á estupidez. Nunca conseguirá que a virtude transija com o vicio. A intelligencia ha de ser sempre aristocratica, altiva, dominadora, desdenhosa em face da estupidez. A virtude ha de ser sempre auctoritaria com o vicio. Na mesma classe e de classe para classe.

A intelligencia e a virtude, alem d'isso, são individualistas. Profundamente individualistas. Não admittem o communismo em caso algum.

O vicio, não. Esse egualisa, logo. Esse fraternisa. Esse solidarisa. Esse apaga immediatamente fronteiras de classe, de condição, de educação. Esse tem uma irresistivel tendencia para o communismo. N'uma casa de jogo, n'um bordel, n'uma taberna, todos são eguaes. Naturalmente eguaes. Se o vicioso d'alto tom pode satisfazer o vicio com outros d'alto tom, procura ainda os de alto tom. Mas se não pode, não está com hesitações nem com escrupulos. Fraternisa immediatamente com os de baixa condição.

O jogador de vicio inveterado, joga *seja com quem for*. O bebedo bebe *seja com quem for*. A prostituta e o prostituto prostituem-se *seja com quem for*. E assim por deante.

O vicio, principalmente certas formas de vicio, tem até um estigma geral que torna conhecido o vicioso, seja qual for a sua classe, seja qual for a sua condição. O meu amigo conhece a chamada prostituta nata entre um milhão de mulheres. Conhece-a pelo andar, conhece-a pelo trajar, conhece-a pela olhar, conhece-a por tudo. Ou ande de pé descalço, ou seja uma duqueza! Não ha differença de trajo, nem de educação que lhe apague o *ar de familia*, o ar commum que as irmana, rapidamente, á vista do observador experiente.

Faça outra observação. O vicio é terrivelmente propagandista. Alem de extraordinariamente contagioso, é terrivelmente propagandista. O contagio da virtude é, como se sabe, insignificante ao pé do contagio do vicio. O homem virtuoso, a mulher virtuosa não fazem, em regra, propaganda da virtude. Mas o vicioso é um terrivel propagandista. E comprehende-se. O desejo, n'elle, é imperioso! A satisfação torna-se aguilhoante. E' uma sede. E' uma ancia. Vá dizer a uma creatura que não beba quando a sede a devora. Bebe, e despedaça todas as peias para beber. Illude todas as difficuldades que lhe appareçam pela frente.

Depois, quer cohonestar o seu procedimento. Quer justificar o seu acto. Porque bebeu, tendo-se-lhe prohibido que bebesse? Porque bebeu, sabendo que a bebida era um veneno ou estava cheia de microbios? Ha de fazer todos os esforços para convencer os outros de que a bebida não era tal um veneno, de que na bebida não existiam tal microbios, de que era legitimo beber, de que era um absurdo, um attentado, um crime prohibir-se-lhe que bebesse.

O meu amigo está farto de ver os resultados do amor livre. O amor livre não é uma innovação. E' velho como o mundo. Ha milhares de casos, ahi, á nossa vista. Na nossa rua, ao lado da nossa casa, defronte da nossa casa, no andar de cima ou na andar de baixo da casa em que vivemos. Onde está a *felicidade eterna?* Que é d'ella, *a ambrosia, o sonoroso beijo?*

O meu amigo está farto de ver consequencias do divorcio. Pelo menos para os filhos. Que differença faz o divorcio d'uma separação? O marido e a mulher podem *casar de novo*. Coisa pequena, meu amigo, muito pequena, para as maravilhas que se contam do divorcio! E coisa grande, muito grande, enormemente grande, como justificação, como chicana, como sophisma, como mascara do vicio!

Eu não tenho medo nenhum do amor livre, nem do divorcio, nas pessoas virtuosas. E, então, eu corto radicalmente. Eu, para esses, votaria o amor livre. *Ou bem que se é, ou bem que se não é.* Eu não gosto de disfarces. E o divorcio é um disfarce.

Eu não tenho medo nenhum do amor livre, do divorcio, de lei alguma nas pessoas virtuosas. Essas não precisam de lei. A sua lei é a virtude. Nenhuma outra regulará melhor os seus actos, nenhuma outra medirá com mais precisão os seus sentimentos. E comprehendo muito bem que essas pessoas, *com o mau senso de se regularem só por si*, defendam o amor livre e o divorcio. Mas acima d'essas pessoas, que só servem, pela sua intelligencia, pela sua bondade, pelo seu caracter, *para dar força e prestigio* aos outros, mas acima d'essas pessoas, que *são um numero pequenissimo*, está uma multidão enorme de viciosos, de desequilibrados, de doentes, que não teem outra mira que dar vazão aos seus instinctos, que justificar as suas taras, que satisfazer o seu deploravel egoismo.

Esses precisam de redea, meu amigo. A redea não os cura, bem sei. Bem sei? Eu não sei nada. Ninguem sabe nada. Ninguem sabe nada do *que se não sabe*. Onde está a cura, onde não está, dos males que affligem a humanidade? Mysterio! Na mesma revista, onde vem o tal artigo *Comment on se mariait autrefois*, vem, pegado a esse, outro artigo que se intitula *L'action directe sur les Centres nerveux*. E sabe onde o seu auctor, o dr. Pierre Bonnier, um medico illustre, achou a cura, ou, pelo menos, onde faz, com bons resultados, ao que parece, o tratamento d'um numero consideravel de doenças, e das mais diversas doenças? No nariz! Esta, confesse lá, não esperava o meu amigo! Pois é assim mesmo. A nossa vida normal resulta de milhares d'elementos que constituem o nosso corpo. O apparelho orientador de tudo isso é o systema nervoso-central. N'esse systema central é o bolbo rachidiano a parte da medulla que *capitalisa*, que coordena, que combina as funcções dos centros nervosos reguladores. Ha uma perturbação? Em que deve pensar o medico desde logo senão n'esse bolbo e nos centros nervosos que elle encerra?

Todos os nervos sensiveis são caminho para o bolbo. Mas nenhum tão largo e tão directo como o trigemeo. N'esse trigemeo, o nervo mais favoravel é o da mucosa nasal, não o do olfacto, mas o da sensibilidade vulgar da mesma mucosa. O sr. Bonnier atira-se a elle e com cauterisações e coisas mais trata a epilepsia, a asthma, as tonturas, a impotencia, es desarranjos menstruaes, a incontinencia, e o diabo a quatro. Que admira então que o freio e a redea, principalmente ficando o freio tão perto do nariz, possam vir a curar r *desequilibrios varios* da humanidade?

Se não curam, tratam. E tratam muitas vezes efficazmeute. Como o dr. Bonnier, tal e qual, que nem sempre cura com as suas cauterisações na mucosa do nariz.

Eu voto pela redea, pelo amigo. E ha de ver, se Deus o levar para o céo, o futuro levantar um templo á redea em vez de o levantar ao anarchismo.

Eu voto pela redea. C.

MUSICA

Toca hoje no passeio de Santo Antonio, das 8 ás 10 da noite, a banda de infanteria 24, executando este programma:

1.ª *Parte—Marcha Militar*, (Rauski); *Fantazia de varias zarzuellas*, (Chueca); *Olinda, walsa*, (Couto); *Scene Vil'ereccie* (Polognesi).

2.ª *Parte—Alma de Dios*, zarzuela, (Serrano); *Escala*, mazurka, (Moraes); *Hymno da Carta*, (D'Pedro IV).

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os nossos assignantes o favor de repararem no preço das assignaturas. O Povo de Aveiro *custa 1:200 por anno*, mas é em Aveiro. *Não confundir.*

Aproveitamos a occasião para prevenir, tambem, que o Povo de Aveiro *não acceita assignaturas trimestraes. Ou por seis mezes, ou por um anno. Mais nada.*

O Bombardino

Os jornaes teem referido coisas interessantissimas passadas em Chaves com o já celeberrimo Bombardino Rachado.

Bombardino Rachado está a tomar aguas em Vidago. Meia duzia de quadrilheiros de Chaves convidaram-no a ir áquella villa fazer uma conferencia. O homem... prompto, como sempre. Em lhe cheirando a *palmas* está sempre de mala na mão.

Lá foi. E tomou para thema, se não nos falha a memoria—já lemos mas podemo-nos ter esquecido e não vale a pena perder tempo a rectificar—e tomou para thema *Republica e Religião*. Se não foi isto foi coisa parecida. O thema pouco vale.

Foi. Receberam-no como é de calcular. Em Chaves ha poucos republicanos. E os monarchicos resolveram-se, por toda a parte... a não fícar mais de braços cruzados.

Houve balburdia. A' porta da casa onde o homem fazia a conferencia appareceram varios sujeitos a tocar bombardino e outros instrumentos... um charivari infernal. Mas, emfim, acudiu a auctoridade e aquillo serenou.

Isto o que dizem os jornaes. Agora o melhor, que os jornaes não referem.

Acabado o charivari, já tudo em silencio, ouviu-se em toda a sala da conferencia, em voz retumbante e sonora: *Cá está o Povo de Aveiro...*

Dizem-nos de Chaves: *Não se imagina o effeito. Um raio, que caisse aos pés do homem, não o teria déixado ... mais incommodado.*

A voz foi continnando, á porta da rua, sempre sonora e vibrante, e sempre implacavel: *Cá está o Povo de Aveiro!*

Ao Bernardino contraiam-se-lhe, de cada vez, os nervos da cara.

Reflete essa contracção um garoto, tão conhecido como desprezado em Chaves, dirigindo-nos insolencias n'uma gazeta da quadrilha local.

Levará no proximo domingo quatro chicotadas.

Trocatintas

Mão anonyma envia-nos um jornal de S. Paulo, Brazil, intitulado *O Lusitano*, e escreve á margem: *Veja o senhor como se faz a historia!*

Os trocatintas fizeram-na sempre do mesmo modo, em todo o mundu.

Diz o trocatintas de S. Paulo que não merecemos a consideração dos que *imparcialmente* assistem *á escandalosa briga de comadres* (a nossa com os quadrilheiros da republica) por isso que *convivendo com elles ha tantos annos* **só agora nos lembrámos** *de denunciar as torpezas dos seus processos e o machiavelismo charlata da sua propaganda.*

Ora o homemsinho podia não ser trocatintas, e ser simplesmente *tolo chapado*, se dissesse aquillo por mera ignorancia. Mas elle di-lo por especulação! O formidavel trocatintas! Em S. Paulo ha portugezes monarchicos, a maioria, e ha portuguezes republicanos. Em S. Paulo, como em todo o Brazil. Se o marmello se limitasse a dizer mal dos republicanos, desagradava aos poucos republicanos que ha em S. Paulo e no Brazil. Dizendo mal dos republicanos e dizendo mal de nós, não desagradava aos monarchicos, e, ao mesmo tempo, não corria o perigo de ficar sem a assignatura d'algum republicanosito. O mariola! Se procurarem bem... foi illustre ornamento, ou, pelo menos, *dedicado membro* da quadrilha republicana em Postugal! Pela certa!

Obrigado, obrigado, mão anonyma. Obrigado. Mandem todos para cá esses pasquins, que pecisamos muito de os ler. E se alguem os não mandar—e com isso contam os mariolas—ficam impunes, por não sabermos o que elles dizem. Com isso contam os mariolas! Soubessem elles, calculassem elles que lhes liamos os insul-

tos e estejam certos de que não *fugiam nem mugiam*. Vejam como a *Semana Alcobacence* o *Abrantes*, a *Democracia do Sul*, a *Beira* se recolheram a correr... a um silencio prudente!

Esse trocatintas do Brazil, se falasse por ignorancia mesmo assim merecia dois piparotes, por ter o atrevimento de dar sentenças *imparciamente* sobre aquillo que não connece. O *Povo de Aveiro*, como tantas vezes temos dicto e provado, e como ainda hoje n'outro logar o demonstramos, fulminou sempre, e *sempre com a mesma violencia*, os erros e os crimes do partido republicano. Sempre! Mas falando o trocatintas por especulação, como fala, para estar de bem com Deus e com o Diabo, mostra que é da *legitima raça* dos quadrilheiros que em Portugal azorragamos. Da legitima raça!

O farçante!

ESCOLAS INDUSTRIAES

Por noticias já publicadas por alguns collegas da localidade, sabe-se que a commissão do orçamento da camara dos deputados votou a verba necessaria para o provimento de duas das cadeiras que, pela reorganisação das escolas industriaes, haviam sido creadas na Escola Fernando Caldeira, d'esta cidade, e para a montagem da officina de ceramica, tambem já creada. Não foi tudo quanto se pedia. A camara municipal d'este concelho não só pedia o provimento das cadeiras creadas, que nunca tinham passado do papel, e que são as cadeiras de portuguez, arithmetica e geometria, elementos de physica e chimica, chimica industrial, não só pedia que fosse montada a officina de ceramica, como pedia mais a creação das cadeiras de francez, de geographia e historia, d'escripturação commercial, e a creação de mais duas officinas, uma de marceneria e outra de cordoaria. E' já sabido que *ninguem faz caso da instrucção* n'este *paiz*. Ninguem faz caso. Portanto, o pedido da camara municipal não foi inteiramente satisfeito. Mas, por isso mesmo *que ninguem faz caso da instrucção n'este paiz*, o que se conseguiu foi uma verdadeira maravilha e só a tenacidade, o zelo e amor que o sr. conde d'Agueda, governador civil d'este districto, tem mostrado sempre pelas coisas d'Aveiro, seria capaz d'arrancar ao governo as duas cadeiras *em que elle, governo, consentiu*, e a officina de ceramica. Foi uma verdadeira maravilha. Foi uma lucta — parece impossivel! — na qual o sr. Rodrigues Nogueira, relator da commissão do orçamento e deputado por este circulo, auxiliou efficazmente o sr. conde d'Agueda.

Parece que houve em Aveiro quem ficasse desesperado — e isto ainda parece mais impossivel do que a indifferença do governo — com as vantagens adquiridas. Ha ahi menino que tem mais odio á Escola Industrial do que Caim a seu irmão Abel. Isso não quer dizer que o sr. conde d'Agueda não prestasse um relevante serviço á causa da instrucção, em geral, e a esta terra, em especial.

Falaremos muito mais detidamente sobre o assumpto quando o projecto sahir approvado, como esperamos sahirá, da camara dos deputados e da camara dos pares.

Velhas Opiniões

Em 14 e 21 d'Agosto de 1887, publicava *Povo de Aveiro* um artigo de fundo com este titulo e sub-titulo: — *Os republicanaceos (que é o mesmo que dizer — especuladores, falsificadores, trapaceiros, isto é — perdidos.)*

Era ainda a proposito do congresso republicano. Vamos transcrever alguns trechos, e continuam vendo os leitores como nós diziamos dos republicanos *o mesmo* que dizemos hoje:

Apesar de todo o nojo que os miseraveis nos inspiram, as opiniões que professamos e que nunca desmentimos, a tradicção que se liga a este jornal de inimigo implacavel e sem treguas d'esses tratantes d'esses dirigentes e o nosso dever de republicano obrigam-nos a avançar n'esta missão de vedeta da fé democratica, a não afrouxar na vigilancia de todas as falcatruas que se tentem á sombra dos principios republicanos, a só depor a penna quando a parte sã do povo, ainda que seja em numero reduzido, haja emfim adquirido a certeza completa de que não tem sido senão ludibriada e burlada. Pessoalmente, estâmos satisfeitos. Depois de termos accumulado sobre a cabeça dos famosos dirigentes accusações sobre accusações, qual d'ellas mais tremenda e sem que ninguem as desfizesse, depois de lhes termos flagellado a cara com a manifestação das suas pelintrices sem que tivessem o minimo valor para nos pedir a responsabilidade d'esse flagellar cruel depois de lhes não termos visto senão as costas de todas as vezes que os quizemos interrogar sobre as calumnias que babavam nos seus adversarios, calumnias que negavam e renegavam, sempre que suppunham vêr um homem pela frente, depois de tudo isso surge-nos o bando a negociar descaradamente tramoias indecentes com aquelles mesmos que accusou, accusação que no fim de contas os seus ultimos actos confirmaram, de desmoralisadores da consciencia nacional e corruptos de todos os principios de honra e de virtude. Quer dizer: foram os mesmos até ao fim — sempre trampolineiros e indignos. Morrem nas condições em que nasceram — atascados em lodo até aos olhos. E nem uma rapida inspiração de tacto, nem o mais leve scintillar de senso para cobrirem ao menos essa morte com umas apparencias de brio ou uma retirada sem mostras evidentes de ref nada covardia!

Pessoalmente estâmos satisfeitos, porque estâmos vingados. Até lhes nutrimos o mais profundo tedio por serem demasiadamente baixos. Politicamente, é necessario não os deixar acobertados nos beccos onde se pretendem esconder e desfazer perante á razão dos mais ingenuos as perfidias com que os pretendem cegar.

. . . .

Oh, o caracter, o caracter! O sr. Consiglieri Pedroso é aquelle que não teve pejo de falsamente comprometer a sua palavra de honra no congresso. E' aquelle escrevinhador da *Republica*, que deixou de ser republicano para ser secretario do sr. Corvo e que só voltou a ser republicano quando o partido estava forte e poderoso. E' aquelle que na camara tem medo de fallar nas reivindicações democraticas e prefere cegar a confiança popular com umas escaramuças regeneradoras contra o ministerio progressista ou umas escaramuças progressista contra o ministerio regenerador.

O sr. José Elias Garcia... esse nem se discute. O sr. Bernardino Pinheiro... idem pela mesma forma.

O sr. Magalhães Lima... além de tudo quanto se sabe d'essa creatura, temos mais a sua fuga covarde do congresso e, estes dias, a sua attitude vergonhosa no *Seculo*, que hoje diz uma cousa pela penna d'elle e ámanhã diz outra pela penna do sr. Alves Correia, sem que os dois deixem de viver na melhor paz, harmonia e accordo. Um jogo de ciganos, sobre que voltaremos a falar.

Do sr. Theophilo Braga pouco temos que dizer. Seria covardia descompo-lo, porque esse, pessoalmente, nem chega a ser homem. Basta lembrar que, depois de ter injuriado os srs. Elias Garcia e Bernardino Pinheiro, passou a viver com elles na mais doce harmonia e na melhor confraternidade politica. Basta lembrar que tem passado a sua vida a dizer aos federaes mal dos conservadores e aos conservadores mal dos federaes. Basta lembrar que, depois de ter andado pelos estabelecimentos de certos individuos a *blasphemar* dos seus collegas no directorio, foi para o congresso accusar aquelles individuos de biographias indecisas e dubias. Basta lembrar que, depois de ter sido o mais intransigente dos publicistas, passou a ser o mais tenaz protector da proposta Jacintho. Isso define o caracter do homem. Pela nossa parte, lamentando-o, só nos resta pedir aos eleitores d'Aveiro que nos perdôem termos mais do que uma vez recommendado aos seus suffragios os nomes dos srs. Jacintho Nunes e Theophilo Braga, que ingenuamente nos pareceram dignos d'elles. Com a mesma sinceridade com que os elogiamos, com a mesma sinceridade reconhecemos o erro. Nunca mais!

E pelo caracter dos chefes republicanos, que tantas vezes temos definido, poderão vêr os democratas sinceros de que elles são capazes e até onde podem ir.

Em guarda, que todos os cuidados são poucos!

Ao sr. Presidente da Camara

Sabemos muito bem que o orçamento da camara municipal d'este concelho está em condições tão miseraveis que só permitte despezas de caracter urgentissimo. No emtanto, como conhecemos tambem a boa vontade e inexcedivel zelo do sr. presidente da camara, ousamos chamar a sua attenção para a deploravel falta de bancos no Jardim de Santo Antonio.

Aquillo chegou á ultima miseria. E' certo que o publico mais abonado tem o recurso das cadeiras. Mas é lamentavel forçar a gente pobre a andar em pé uma tarde ou uma noite inteira. O jardim está deserto de bancos. Em dias de musica, o publico não tem onde se sentar, pois que os raros bancos que existem no jardim são immediatamente e com pouca gente occupados. A camara mandou ultimamente collocar bancos na avenida Albano de Mello, e por isso é digna de louvor. Pois se podesse completar esse servicinho com mais umas duzias de bancos no Jardim de Santo Antonio, seria merecedora dos nossos applausos.

PROVINCIAS

LAGOS

Tem v. pedido informações sobre a *quadrilha* republicana de todo o paiz. Satisfazendo os seus desejos, alguma coisa lhe digo hoje sobre Lagos, terra a que já se referiu.

Não é minha intenção sahir em diatribes contra este ou contra aquelle, mas apenas servir a justiça e a verdade, com algumas palavras de protesto contra a immoralidade que representam os republicanos, os quaes se dizem, ao mesmo tempo, servos da *moralidade*.

Não pertenço a partido algum, porque nenhum me parece digno da adhesão d'um homem que veja com seriedade e interesse as coisas publicas. Mas se algum a merecesse, eu seria republicano. Em these, não me offerece duvida alguma a vantagem do regimen republicano sobre o regimen monarchico. E, das duas uma: ou o paiz está preparado para o regimen constitucional, ou não está. Se está preparado para o regimen constitucional e, pelo menos, illogico, dar-lhe monarchia em vez de republica. Não pode haver regimen de liberdade, nem existir de facto a soberania nacional, onde existe o privilegio do nascimento e um rei.

A verdade, porem, é que Portugal não está preparado para o regimen da soberania popular, e que, por outro lado, o partido republicano tem demonstrado uma tamanha falta de sinceridade que ajuda-lo não é ajudar a democracia, mas a especulação d'um verdadeiro bando.

Infelizmente, o partido republicano não merece as sympathias da gente seria d'esta terra. Isto vem a proposito de eu ter dicto que não ha da minha parte o menor proposito de sahir em diatribes contra este ou contra aquelle, mas apenas o de servir a verdade e a justiça.

O partido republicano é em Lagos o que, ao que vejo do *Povo de Aveiro*, é em todo o paiz. V. disse n'outro dia uma grande verdade: "O partido republicano teve o triste condão de consagrar em cada terra ou os ultimos idiotas ou os ultimos tratantes. Lagos não podia fazer excepção a essa regra geral.

O partido republicano foi aqui formado pelo Dr. José Bourquin Brak-Lamy. Teve força, chegando a fazer eleger camara sua e até a mandar um deputado ao parlamento, o dr. Bernardino Pinheiro. E' certo que este fallecido republicano só por um *bambarrio* representou a cidade de Lagos no parlamento. Entretanto, lá foi, e o partido republicano tinha valimento. Mas o dr. Brak-Lamy, cançado dos correligionarios, que lhe *contam os olhos*, retraiu-se, e o partido republicano começou a declinar. Assim, esteve, até ha pouco tempo. Ultimamente, devido a este systhema de licença em que vivemos, e por culpa dos erros do regimen, reviveu, apoderando-se da camara municipal, o que é tanto mais de admirar quanto é certo não conter elle no seu seio um unico individuo com peso eleitoral ou com auctoridade moral.

V. já disse qualquer coisa sobre o dr. Jeronymo Rato, presidente da camara. Bastava este senhor para tirar toda a auctoridade moral e intellectual ao partido republicano de Lagos. Mas nem v. disse a respeito d'esse senhor tudo quanto convinha dizer-se, nem, infelizmente, é elle o unico sem auctoridade moral e intellectual no desgraçado partido.

Ficamos hoje por aqui e diremos o resto no proximo domingo, se v. o auctorisar.

MONCARAPACHO

Sr. redactor do *Povo de Aveiro*.

Não ha nada peor que faltar á verdade *propositadamente*. Permitta v., que tomou a peito fulminar a mentira n'este paiz, duas palavras sobre coisas politicas d'esta terra, *em defesa da verdade*.

N'um periodico republcano, que ha pouco surgiu em Loulé, dizia-se que a creação do partido medico se deve aos republicanos. Mas então os partidos medicos não são creados pelas camaras municipaes? E que vereação predomina aqui? Não é uma vereação *toda ella* monarchica?

E se nós dissessemos, e é a verdade, que, ao contrario do que pretende a folha republicana de Loulé, se alguem se oppoz, embora tacitamente, á creação do partido medico, foi um correligionario e chefe dos *vermelhaços*, quando alguem, despindo a farda de politico, se acercou d'elle pedindo a sua comparencia na reunião dos quarenta maiores contribuintes, que para tal se reuniu em Olhão, não accedendo elle ao pedido e confirmando a sua opposição a uma coisa util para a sua terra, não comparecendo depois?

Uma outra mentira, e esta revelando ao mesmo tempo a intolerancia de que os republicanos dão provas em toda a parte, é a que refera o *Mundo* em correspondencia da data de 8—8—909, dizendo que o padre Antonio Luiz d'Oliveira subiu ao pulpito e d'elle se *fartou de dizer baboseiras* contra a *lei* (sic) *do divorcio e do registo civil* procurando organisar uma representação contra taes factos.

Ora isto é falso. Que ganham os republicanos em mentir escandalosamente *contra os seus adversarios?* Afastam de si todas as sympathias e perdem toda a auctoridade moral. Defendam as suas ideias, sirvam os seus principios, mas façam-no honradamente. O padre Oliveira tem o mesmo direito a combater *o divorcio e registo civil* que elles teem a defende-lo. Tem mais direito ainda, porque é padre, e porque a religião catholica é a religião do estado. Ora se ninguem contesta aos republicanos o direito de fazerem, em termos serios, a sua propaganda, como ousam elles, em paiz catholico, contestar esse direito a um padre?

O padre Oliveira não *subiu ao pulpito* a fazer *pregação* nenhuma. Apenas á hora da missa disse que tinha em mãos um protesto vindo da redacção da *Cruzada* para ser assignado por todos os cidadãos que não concordassem com o projecto do divorcio e pedia a esses que ao sahirem da missa fossem á sachristia para o assignar.

Diga-me, sr. redactor, se isto não é correcto, se esse padre não estava fazendo uso d'um direito sagrado, e se não são revoltantes os insultos dos republicanos contra os que não commungam nas suas doutrinas. Chamam fanaticos aos outros, como se houvesse fanaticos que os egualassem!

Gritam contra a supposta intolerancia dos outros, como se houvesse intolerancia egual á sua!

VÁRIA

O telegrapho e a pesca

A telegraphia sem fios presta novos serviços á industria.

Os pescadores que arriscam todos os dias a vida aventurando-se ao mar traiçoeiro e feroz, acabam de encontrar n'ella um poderoso auxilio, defendendo-os contra as suas inesperadas mudanças de humor. Assim acabam de provar as ultimas experiencias, feitas na Hollanda, onde o *Leland*, que faz a policia da pesca no Norte, recebe todos os dias previsões meteorologicas, avisos sobre as provaveis mudanças de tempo, que por meio de signaes transmitte aos pescadores.

Sempre traz algum bem ao mundo a *negregada* civilisação moderna, que pensadores e *snobs* varios se habituaram agora a lamentar constantemente... Os philosophos!

Americanos

Incansaveis, os americanos! As cidades da America do Norte vão-se transformando em verdadeiros labyrinthos que endoideceriam um pobre provinciano da nossa terra. Casas de vinte andares, chaminés monstros, tramways subterraneos, tramways aereos, passeios tramways, passaros artificiaes batendo as enormes azas por cima da cabeça dos transeuntes, e mil e uma innovações das que apenas sahem do celebre poder inventivo dos habitantes do novo mundo.

Ainda ha pouco crearam um novo meio de transporte, desconhecido nas velhas cidades europeias. Para evitar que os transeuntes andem constantemente atravessando as ruas, o que dava margem a muitos atropelamentos, braços torcidos e cabeças rachadas, resolveram fazer mover os passeios lateraes das ruas, de forma que o individuo colloca-se no passeio do lado para onde deseja ir e, sem mais preambulos, leva-o este em poucos segundos ao ponto desejado. Que tal?

Agora acabam de construir na cidade de Great Falls uma chaminé que fica sendo a mais alta chaminé do mundo. Tem 154 metros de altura, 33 metros e 92 centimetros de diametro exterior, e 15 metros e 20 de diametro interior junto do edificio. 15 pára-raios a protegem contra a trovoada!

Caspité!...

Miseria

Os pobres procuram por todas as formas enganar a maldita fome que a organisação social d'este famoso seculo das luzes os faz impunemente padecer. Não teem pão nem dinheiro para o adquirir. Empregam um ultimo recurso: comem madeira. Fazem pão de serradura fermentada. E' claro que este pão não tem qualidades nutritivas e só consegue enganar-lhe o appetite. Mas se não tem meios para comprar o pão de cereaes?

E' a miseria humana com todos os seus horrores. Este uso está já estabelecido na Allemanha e vae ser introduzido nos mercados da America do Norte.

E lembrar-se a gente...

Theatro... em Portugal

Oh!... o theatro portuguez! E' doloroso e irrisorio falar n'elle! Transformado em negocio lucrativo por emprezarios gananciosos e sem escrupulos, prostituido por mulheres que teem da arte e da vida indigna concepção, atraiçoado por auctores e por actores, abandalhado por criticos pulhas que fazem elogios a troco de pataccos e *favores*, o theatro é em Portugal uma vergonhosa affirmação da crise moral e intellectual da sociedade portugueza. Não ha auctores, não ha actores e não ha criticos. E, sobretudo, não ha auctores e não ha criticos. Os capazes de produzir alguma coisa de aproveitavel como manifestação artistica, como elemento educativo e moralisador, esterilisam nas revistas porcas que agradam ao publico obsceno, e lhes dão compensações materiaes, ou nas traducções do que de mais indecente e de mais reles ha no theatro extrangeiro. Não teem amor á arte, não teem brio profissional. São traficantes das lettras. Não ha actores bastante dignos para se recusarem a interpretar essas peças, nem criticos bastante honestos para lhes arregoarem as faces mentirosas.

O auctor, o actor ou o critico que tente resistir a este meio dissoluto é fatalmente vencido e annullado pela cobardia de alguns, pela inveja e pelo odio de todos. São lhe fechadas as portas dos theatros ou cerradas as columnas dos jornaes.

Aqui, como em tudo, a sociedade portugueza afunda-se em lodo.

Theatro... no extrangeiro

A' accentuada e progressiva decadencia do theatro portuguez corresponde a accentuada e progressiva florescencia do theatro extrangeiro. Empregam-se todos os meios de fazer do theatro o primeiro e mais importante fautor do aperfeiçoamento popular. Criam-se theatros para o povo, com espectaculos quasi gratuitos, com peças altamente educativas e moralisadoras, derruindo velhos preconceitos, escavacando archaicas mentiras, elevando a verdade sempre mais alto, para as regiões calmas da eterna luz.

Está sendo seguida em França a bella iniciativa de Antoine, hoje director do Odeon, brilhantemente continuada por Gemier, um dos primeiros, senão o primeiro enscenador da França. E multiplicam-se os theatros populares, actores apaixonados sacrificam os seus interesses materiaes á educação do povo, elevando o nivel intellectual e moral das multidões sempre avidas de novos conhecimentos e de novas sensações! Ha escriptores que se dedicam inteiramente a escrever para o theatro do povo peças appropriadas para elle, de facil assimilação e resultante moralidade. E só assim se faz um povo grande.

— No dia oito d'este mez deu o Theatro do Povo uma recita na pequena cidade de Bussang, nos Vosges, que poz o povo em festa. Representou-se *Le Château des Hans*, peça em 4 actos tirada d'uma legenda da Alsacia por Maurice Pottecher e que teve, no anno passado, grande successo. Esta representação que se repetirá, então gratuita, no dia 29, realisou-se, como de costume n'aquella cidade, ás duas horas da tarde. O Theatro do Povo, fundado ha quinze annos e o mais conhecido dos theatros francezes, deve o seu successo junto dos artistas, dos curiosos e da multidão, ao seu reportorio especial de peças proprias que reflectem o espirito d'esta região, a sua historia e os seus costumes, e ainda aos seus actores, que são homens de todas as classes, amadores e artistas juntos em amigavel companhia, apaixonados da arte dramatica.

— A Opera-Comica representará no inverno proximo uma obra de Samuel Rousseau, passada na Corsega e que se intitula *Léone*. O director d'este theatro partiu para a Corsega a estudar a natureza da ilha para poder reproduzi-la fielmente nos decoros. E' assim que se faz quando se quer fazer arte. Os nossos actores, quando vão ao extrangeiro, limitam-se a trazer a copia do scenario e do desempenho que a peça em questão teve lá fóra. O mais reles servilismo em tudo.

— Em 1910 teremos em Berlim uma exposição theatral. Espera-se a publicação d'uma obra da celebre cantora Henriette Sontag.

— Mme Meta Illing do Lessing-Theater, propõe-se fazer conhecer na Allemanha as melhores obras dramaticas inglezas por iniciativa da sociedade do theatro inglez de Berlim. Em outubro principiarão as representações em Berlim ao que se seguirão diversas *turnées* por toda a Allemanha.

O theatro é o melhor elemento de educação popular.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —

Albino Pinto de Miranda

LARGO DE MANUEL MARIA

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella, fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.

Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio — **Rua Costa Cabral, 489** — PORTO.

SUCCURSAL

383 — Rua Formoza — 385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

O Povo de Aveiro

Vende-se

GOLVEIA — Manuel A. Mantas, Rua Braancamp.

CABEÇÃO — Luiz Vieira da Silva.

MATTOSINHOS — *Agencia Luzitana* — Rua Roberto Ivens, 100.

PORTALEGRE — José Gervasio Coelho — Largo da Sé.

ARRONCHES — Miguel Maria.

ESPINHO — Kiosque Reis.

MOITA DO RIBATEJO — João Baptista Moura.

VIZEU — Agostinho da Costa Campos — Rua do Arco, 85.

CHAVES — Annibal de Barros.

LISBOA — Tabacaria Monaco, ao Rocio; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira 18; Kiosque Elegante, Rocio; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59.

PORTO — Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro 9 e 10.

COIMBRA — Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27.

ALCOBAÇA — Estabelecimento de Antonio Vazão.

TYPOGRAPHIA

DE

O Povo de Aveiro

RUA D'ARNELLAS — AVEIRO

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa Bauer & C.ª, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa Bauer e da casa franceza Turlot, orlas e vinhetas decorativas Turlot, Berthold, e Berlim, e de Klinkhardt, de Leipzig, machinas d'impressão, de picotar, d'aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães Albert & C.ª, de Frankenthal, Ingenfrost, de Leipzig, Dietz & Listing, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a cores, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, como livros, revistas, jornaes, prospectos, cartazes, facturas, circulares, etc.

Toda a correspondencia dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario, director e administrador do POVO D'AVEIRO.

HOTEL CYSNE

Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria)

AVEIRO

Proprietario-Gerente

ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais aprazíveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne — AVEIRO